

# Os guerreiros xavantes voltaram para casa chorando

'Iamos fazer a marcha, a dança e voltar'

Letícia Lins e Martha Mamede Batalha

• SANTA CRUZ CABRÁLIA, BA. Os xavantes são o que os antropólogos classificam como G, de guerreiro. Fizeram questão de puxar a que seria em Porto Seguro a última manifestação da Marcha Brasil: Outros 500. Pintados para a guerra e com bordunas, fizeram um cordão ao qual o único outro povo a ter acesso foi o pataxó, "porque estava em casa". Mas, no fim do conflito entre índios e a PM, eles eram o mais doloroso retrato do confronto que marcou a festa dos 500 anos.

De braços dados, já sem bordunas, quatro xavantes voltaram para o acampamento chorando feito crianças. Eram a imagem do desespero e da impotência.

Normalmente unidos, eles acabaram divididos e confusos. O primeiro a aconselhar a volta para o acampamento foi o cacique Benjamim Waparia, da aldeia São Pedro, em Mato Grosso. Ele disse que vai enviar uma carta ao presidente Fernando Henrique, expondo sua indignação:

— Índio não está preparado para enfrentar arma de fogo. Quem sabe enfrentar soldado é sem-terra, a gente não é sem-terra, é índio — dizia ele.

A maior manifestação de revolta ficou por conta dos caia-pós. Indignados com o que sofreram, voltaram ao acampamento, jogaram as roupas no chão e ficaram completamente nus. Na

língua deles, segundo a versão da antropóloga Lúcia Rangel — que assistiu ao ritual — extravasaram a indignação.

Entre os sete índios feridos e os cerca de 30 intoxicados pelas bombas de gás jogadas antontem pela PM, estava uma índia grávida de cinco meses. Shirley, de 19 anos, é filha do cacique Krenak, de Minas Gerais. Ela chegou a sentir contrações e foi levada para o Hospital Luiz Eduardo, em Porto Seguro. Já foi liberada.

— Esse já vai nascer guerreiro — disse Shirley, que está em observação, mas passa bem.

### Documento não pôde ser entregue a Fernando Henrique

Devido ao confronto, um dos objetivos da marcha não foi atingido. Durante os quatro dias em que os quatro mil índios se reuniram foi formulado um documento a ser entregue ao presidente Fernando Henrique ao final da marcha até Porto Seguro, que não ocorreu.

— Vamos tentar entregar o documento para o presidente em Brasília — disse o cacique Carajá, de Coroa Vermelha, um dos membros do comitê indígena.

A índia Nytynawan, responsável pelo movimento indígena jovem de Coroa Vermelha, também não entendeu o que aconteceu.

— Nós íamos fazer a marcha, a nossa dança e voltar. Estávamos todos enfeitados para isso. Foi triste o que aconteceu. ■